



A LITERATURA INFANTIL COMO INSTRUMENTO DE EMPODERAMENTO NO PROCESSO DE ENSINO COM ALUNOS SURDOS EM UMA ESCOLA PÚBLICA EM BELÉM/PA

Carla Georgia Travassos Teixeira
Pinto¹

RESUMO

Este artigo é um recorte da nossa dissertação de Mestrado que possui como tema central a literatura infantil através dos contos e fábulas como valoroso instrumento no processo de ensino com alunos surdos. Tendo como objetivo principal conhecer as formas que os contos e fábulas contribuem no processo de aquisição da leitura e escrita no contexto da educação com surdos. Para a constituição da fundamentação teórica e metodológica foram adotados os estudos de Sasaki (1997, 2005), Góes & Laplane (2007), Sosa (1978), Trivinos (1987), entre outros. Tendo como cenário de pesquisa uma Unidade Educacional Especializada Pública em Belém/Pa. Foram considerados participantes da pesquisa dois professores regentes e uma coordenadora pedagógica. A metodologia usada foi da pesquisa de Campo, com abordagem qualitativa, de modo que os principais instrumentos utilizados na coleta de dados foi a observação direta e entrevista narrativa. Na análise dos dados podemos concluir que, para os sujeitos participantes o trabalho com a literatura infantil além de ser grandiosa manifestação artística e cultural, contribui de forma significativa nas relações de ensino aprendizagem com discentes surdos favorecendo a formação do leitor crítico.

Palavras-chave: Literatura Infantil; Leitura; Ensino; Educação Inclusiva.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho de pesquisa, posicionamos o nosso lugar de fala, como professora no Ensino Fundamental e na EJA desde (2012), atuando em sala de leitura, recebemos nesse espaço discentes ouvintes e surdos. Desta forma, podemos perceber os diferentes olhares sobre muitos significados culturais, principalmente aqueles que os discentes surdos podem utilizar, em diferentes espaços e que por vezes são ignorados pela comunidade escolar.

É indiscutível a inadequação do sistema de ensino que é de conhecimento público através dos dados estatísticos, mostrando a urgência de procedimentos que contribuam de forma significativa com o desenvolvimento pleno desses sujeitos (SASSAKI, 1997).

¹ Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia (UNAMA),
carlageorga24@yahoo.com.br



Foi a partir da década de 1990, que o movimento de inclusão ganhou força, e assim como os programas de educação especial foram perdendo espaço, principalmente no ambiente escolar. Desta maneira a educação inclusiva chegou as escolas com a proposta de respeito e consciência da valorização e importância da diversidade, tendo como ênfase a compreensão que todos possuem os mesmos direitos e, o fazer pedagógico encontra-se atrelado ao fazer comunicacional, relacionando-os no cotidiano de interação dos sujeitos ouvintes com sujeitos surdos.

Nesse contexto, compreender que a linguagem é elemento responsável pela atividade psíquica humana. Esta possui papel relevante na estruturação dos processos cognitivos. Desta forma, participa na constituição do sujeito, pois auxilia nas interações fundamentais para a construção do conhecimento (VIGOTSKI, 1997). A linguagem é conquistada no meio social, através da interação com o outro e é esse diferencial que o distingue o homem dos outros animais.

É por meio da linguagem, que diversos grupos interagem, comunicando-se e formando uma sociedade que faz uso dela, no entanto, nas pessoas surdas esse meio condutor é prejudicado já que os sons que são conduzidos pelo canal auditivo, nessas pessoas são diferentes Góes & Laplane (2007).

Diante disso, as crianças surdas possuem dificuldades de desenvolver a linguagem, e até em certa medida essas dificuldades conduzem ao atraso, nessas circunstâncias surgem diversos problemas emocionais, sociais e cognitivos, ainda que consigam desenvolver o aprendizado tardio de uma língua.

Em consequência das dificuldades relacionadas a linguagem, observamos que as crianças surdas possuem defasagem no aprendizado em relação aos sujeitos ouvintes, em razão disto, distorções entre idade e o conhecimento. Em relação a esse fator faz-se necessário propostas educacionais que realmente possam atender as necessidades especiais desses sujeitos, valorizando efetivamente as suas capacidades e habilidades.

Portanto, a presente pesquisa justifica-se pela necessidade de refletir a realidade do ensino de professores para alunos surdos e as relações estabelecidas entre leitura, escrita entrelaçadas com a literatura na educação destes.

Dentro deste contexto de foco de lutas constantes por mudanças, os estudos feitos sobre a importância da literatura infantil no processo de aprendizagem de alunos surdos, torna-se



relevante, pois tratam das interferências, subjetividades, emoções e energia que acontecem a partir da interação com a cultura no exato instante em que esta influência a aquisição do conhecimento cognitivo e de processos culturais. No Brasil, a literatura infantil e a instituição escolar sempre viveram respectivamente ligadas. Os livros infantis encontram na instituição escolar, o ambiente perfeito para asseverar a dedicação de seus leitores, mesmo que estes sejam aplicados como leitura obrigatória e empregados como argumentos utilitários, esclarecedores e pedagógicos.

Lajolo (2008), assevera que se ler é fundamental, a leitura literária também é essencial.

Diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer, plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos (LAJOLO, 2008, p. 106).

Aplica-se o termo Literatura Infantil à reunião de editorações que em seu material tenham formas divertidas ou didáticas, ou ambas, e que sejam designadas ao público infantil. Todavia, estudiosos que se inclinam neste espaço consideram este julgamento um tanto limitado, tendo em conta que muito antes da realidade de livros e revistas infantis, a Literatura Infantil trabalhava na prática oral, conduzindo a expressão da cultura de um povo de geração em geração (ARROYO, 1990). A literatura Infantil é arte. E através da arte deve ser analisada e representar integralmente à personalidade da criança. A criança possui uma ambição voraz pelo encantador e esbarra na literatura infantil o provimento apropriado para as expectativas da psique infantil. Alimento, esse, que translada os movimentos interiores e satisfaz os próprios proveitos da criança. Meireles (1984, p. 32) “A literatura não é, como tantos supõem, um passatempo. É uma nutrição”

E entendemos que é na escola mais precisamente na sala de aula nos anos iniciais do Ensino Fundamental que podemos incentivar os hábitos da escrita e da leitura. Isto posto, os professores ambientam suas salas com diversos materiais coloridos repletos de imagens com o objetivo de chamar atenção das crianças para o alfabeto, parlendas e cantigas de rodas, transformando o ambiente divertido, agradável e prazeroso.

Assim sendo, o livro de histórias converte-se em protagonista do ambiente



escolar e a figura do professor certifica-se a grande missão de contar histórias. Para Bettelheim (2007, p. 80), “mediante as histórias infantis é que a criança passa a entender o mundo dos adultos, pois as histórias trazem informações que falam a ambas as partes da personalidade de nascente da criança, a racional e emocional”.

Segundo Abramovich (1997, p. 16), “escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo”. Percebemos que Abramovich (1997) intensifica esse conceito, sublinhando que ouvir histórias compõem parte significativa na formação de qualquer criança.

Mais ainda, Carvalho (2009), afirma que (CARVALHO, 2009, p. 14) “Com a literatura infantil e a contação de histórias em sala de aula, a criança estabelece referenciais importantes ao seu desenvolvimento cognitivo e emocional, auxiliando no processo de ensino- aprendizagem”.

Da mesma forma, os teóricos Bandini; Oliveira; Souza (2006) confirmam que contar histórias contribui na aquisição da escrita pelas crianças surdas:

[...] mesmo crianças surdas quando expostas a uma língua e a material letrado têm comportamentos de futuros leitores. Este fato sugere que investimentos em programas de Educação Infantil dentro de uma perspectiva escolar, voltada para o contato com material letrado, podem ser efetivos em auxiliar crianças surdas usuárias de LIBRAS a verem-se como futuros leitores e escritores, e facilitar o processo de aquisição de leitura e escrita, mesmo quando elas são provenientes de classes sociais mais baixas, filhas de pais semialfabetizados (BANDINI; OLIVEIRA; SOUZA, 2006, p. 55-56).

Precisamos ressaltar que para o aluno surdo a palavra falada não terá influência no processo de aquisição da leitura. De modo que, para toda criança surda ou ouvinte, o ato de contar histórias, ler, deixar ela ter contato com livros, tornam-se coeficientes fundamentais em seu desenvolvimento cognitivo e incentiva a leitura e escrita. Conforme Pereira (2005):

Considerando-se que a língua de sinais preenche as mesmas funções que as línguas orais desempenham para os ouvintes, é ela que vai propiciar aos surdos a constituição de conhecimento de mundo e da língua que vai ser usada na escrita, tornando possível a eles entender o significado do que leem, deixando de ser meros decodificadores da escrita (PEREIRA, 2005, p. 27).

Coligado a esses estudos, o Governo Federal sancionou a Lei Federal nº 10.436, de



24 de abril de 2002, em que se torna legalizado o Estatuto da Língua Brasileira de Sinais como língua oficial da comunidade surda. Os autores Salles; Faustich; Carvalho (2004), destacam: “Com implicação para sua divulgação e ensino, para o acesso bilíngue à informação em ambientes institucionais e para a capacitação de profissionais que trabalham com os surdos” (SALLES; FAUSTICH; CARVALHO, 2004, p. 62).

Dentro desse contexto, torna-se fundamental enfatizarmos que é necessário que a instituição escolar perceba que o discente surdo possui um aprendizado singular que não é o mesmo do discente ouvinte, Quadros (2004), chama nossa atenção.

Da língua, para aprender através dessa língua e para aprender sobre a alfabetização de crianças surdas enquanto processo, só faz sentido se acontece na Língua de Sinais Brasileira (LSB), a língua que deve ser usada na escola para aquisição língua (QUADROS, 2004, p. 55).

Então, a partir dessa permissa podemos entender que cabe à escola proporcionar o acesso a Libras e a recursos didáticos que empregam a língua brasileira de sinais com o princípio primordial de desenvolver a aprendizagem do discente surdo. Da mesma maneira que o discente ouvinte possui direito à educação o discente surdo também possui.

A partir dessas questões esta pesquisa tem como objetivo geral:

Conhecer as formas que os contos e fábulas contribuem no processo de ensino de professores que atuam com alunos surdos em uma escola pública em Belém (PA).

E têm como objetivos específicos:

a) Identificar os aspectos teóricos abordados na formação inicial e continuada dos professores e coordenadores sobre a literatura infantil no processo de ensino com alunos surdos.

b) Analisar a compreensão dos professores e dos coordenadores sobre a literatura infantil como objeto facilitador na aquisição do conhecimento na educação de surdos.

c) Conhecer formas que os contos e fábulas facilitam o processo de ensino da leitura e escrita na educação com alunos surdos.

2 METODOLOGIA

No desenvolvimento teórico desta produção acadêmica o caminho percorrido foi a pesquisa qualitativa orientada a partir da pesquisa da educação inclusiva na área da educação especial, o tipo de estudo adotado foi da pesquisa de campo considerando que o percurso



metodológico construído em três principais etapas: revisão bibliográfica; pesquisa de campo com o uso de observação direta e entrevistas narrativas; o uso e o estudo da literatura criada e adaptada para ser trabalhada com discentes surdos.

Trivinos (1987) salienta que as investigações no território do campo somadas a revisão bibliográfica possuem como finalidades observar os fatos e os fenômenos, como acontecem na realidade e compreender e elucidar o problema que é objeto de estudo da presente pesquisa.

Utilizamos para nosso estudo o enfoque crítico dialético em conformidade com Trivinos (1987) “parte da base, do real, que é analisado em sua aparência e em sua profundidade, para estabelecer a “coisa em si”, o número que se definem e se justificam existencialmente na sua prática social” (TRVINOS, 1987, p. 130).

Dando continuidade em nossos estudos, fizemos a análise dos dados considerando a triangulação dos dados, fazendo a interface com os dados coletados e os diálogos com os autores selecionados durante a pesquisa.

Quanto aos aspectos éticos, mantivemos como prioridade respeitar todos os aspectos éticos. Sendo assim, todos os participantes tiveram suas identidades preservadas, estes tiveram sua colaboração garantida por meio da assinatura do TCLE. Aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP/UNAMA) e CAAE: 110628919.3.0000.5173, cumprindo com todos os protocolos éticos para a realização de estudos com pessoas.

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção apresentamos os resultados e discussões voltados aos contos e fábulas como poderoso instrumento no processo de ensino com discentes surdos, para tanto destacamos trechos das fontes e evidências para ilustrar as ações e discursos que permeiam as interações dos docentes no contexto de sala de aula.

21 Os aspectos teóricos abordados na Formação Inicial e Continuada dos Professores e Coordenadores Pedagógicos sobre a Literatura Infantil no Processo de Ensino com Alunos surdos:

Destarte, neste compreendemos a partir dos depoimentos das professoras e coordenadora pedagógica que a formação inicial e continuada pouco orientam, no que concerne a formação de leitores, tendo como pilar a literatura infantil (contos e fábulas).

22 A Compreensão dos Professores e Coordenadores sobre a Literatura Infantil (contos e fábulas) como objeto facilitador na aquisição do conhecimento na educação com surdos:



Depreendemos, pelas falas das professoras, que a leitura de contos e fábulas é apontada especialmente como potência para o desenvolvimento de várias atividades que oportunizam a leitura e escrita e, como não poderia ser diferente, relevante instrumento na constituição do imaginário social e cultural. Notamos também que, as docentes reconhecem a importância da ludicidade e o estímulo da imaginação nos momentos de leituras dos contos e fábulas, destaca-se que, a partir destes novos entendimentos os discentes libertam sua criatividade, ressignificando e reinventando a realidade, desempenhando no cotidiano novos sentidos e, por conseguinte, mergulhando na cultura.

23 As formas que os contos e fábulas facilitam o processo de ensino da leitura e escrita na Educação com surdos:

As falas das docentes nos autorizam a constatar que a literatura infantil é empregada nas salas de aulas dentro de um formato pensado, mas também ocasional. Nos raros momentos em que aconteceram a leitura literária infantil nas salas de aula, notamos que a realidade se constituiu com finalidades meramente didáticas, isto é, como fundamento para o ensino da gramática tendo como pilar conhecimentos de base linguística tais como: sistema de escrita e noções de quantidade e numerais (questões explicitadas pelas respectivas docentes); como argumento para desenvolver a produção textual direcionada principalmente para escrita (também mencionado pelas respectivas docentes).

Compreendemos, pelas informações das docentes e da coordenadora pedagógica, que a leitura da literatura infantil na respectiva Unidade Educacional Especializada Pública, é pensada e empregada sobretudo em ações um tanto dispersa, com restritas possibilidades de trabalho. Inferimos que o principal argumento usado pelas docentes está direcionado para a questão do trabalho com discentes surdos e, o cerne da dificuldade neste contexto, se resume por esta, ser uma atividade oral, ainda que possuam o domínio da Libras. Estas manifestaram uma certa surpresa ao perceber a potência desta atividade na formação do sujeito leitor, também do imaginário social e cultural.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste último item, nosso objetivo é apresentar algumas considerações concernentes às nossas investigações sobre o trabalho com os contos e fábulas no processo de ensino de discentes surdos. Nesse segmento, salientamos que o enunciado tecido até aqui se produziu num espaço-tempo e, que tais informações são o nosso entendimento acerca de todo o procedimento por nós conduzido com base nos dados evidenciados.



Resolvemos nos lançar a instigação de buscar entender efetivamente os processos apresentando distintos procedimentos de pesquisa na investida de colaborar com a discussão acerca da associação entre literatura infantil e educação de surdos. Nesse contexto, foi essencial a conversa com a construção do conhecimento na área e com as referências históricas e sociais do contexto pesquisado.

No primeiro ponto investigado fica perceptível que em relação aos aspectos teóricos abordados na formação inicial e continuada dos professores sobre a literatura infantil no processo de ensino com alunos surdos. Inferimos que tanto a formação inicial e continuada necessita passar por uma reestruturação, estas não podem desaparecer em um curso de atualização, mas deve ser entendida como um processo edificado na rotina escolar de forma contínua, pois o docente não é um simples cumpridor e aplicador de etapas, pois as formações na verdade, não são capazes de solucionar os herméticos problemas.

Assim como a formação inicial, é avaliada insatisfatória e incipiente, sobretudo no sentido de prepará-las para trabalhar com a literatura infantil em um contexto maior de aprendizagem. Da mesma maneira, não são trabalhados na formação continuada de modo geral, processos direcionados para aquisição da leitura e escrita por meio de contos e fábulas.

No que se relaciona ao segundo ponto investigado, acerca da compreensão dos professores e coordenadores sobre a literatura infantil (contos e fábulas) como objeto facilitador na aquisição do conhecimento na educação com surdos, as docentes e a coordenadora pedagógica envolvidas nessa pesquisa responderam de maneira geral a esse item, reconhecendo a literatura infantil (contos e fábulas) como objeto de grande relevância no desenvolvimento do processo de ensino e que, a partir das atividades desenvolvidas em sala de aula perceberam a importância de compreender o conhecimento de mundo que o discente surdo possui, conseguiram conhecer um pouco da realidade e relacionar com as experiências pessoais que seus alunos possuem. E de modo consequente fortalecer e amplificar o senso crítico quando alicerçado na leitura de contos e fábulas.

No terceiro ponto investigado analisamos as formas que os contos e fábulas facilitam o processo de ensino da leitura e escrita na educação com alunos surdos, as docentes e a coordenadora pedagógica afirmaram que por meio dos contos e fábulas, gênero textual próprio da literatura infantil, identificaram relevante avanço na leitura e melhora significativa da escrita de seus alunos. Ademais, foi uma atividade desenvolvida dentro de um contexto natural, fácil e prazeroso. Talvez, exigindo um pouco mais de atenção à formulação do



planejamento, pois, as atividades devem estar inter-relacionadas, sistematizadas para que o processo seja mais profundo. Outrossim, as docentes concluíram que não necessitaram usar uma linguagem infantilizada, visto que praticaram reflexões variadas o que tornou o texto mais rico.

Quem relaciona-se com crianças ou adolescentes surdos ou ouvintes reconhece que estes gostam que contem histórias, possuem o prazer em reconhecê-las, assimilar suas particularidades, de adiantar sensações já vividas. O discente surdo percebe e entende as histórias, compreende as regularidades e acredita em sua própria leitura.

Enfim, o trabalho com a literatura infantil por intermédio dos contos e fábulas proporciona a associação entre ler e escrever, utilizando a libras que é a língua oficial dos surdos. Alcançando estruturas mais complexas, fortalecendo de modo globalizado a prática da leitura e escrita.

Por intervenção da leitura o discente surdo poderá dominar a linguagem escrita de acordo com a norma culta: a acentuação gráfica, emprego de verbos, colocação de pronomes, além da concordância e regência. Tudo isso sem a obrigatoriedade da exaustiva incumbência de decorar as regras gramaticais e com o enorme benefício de compreensão não só da escrita, mas também da própria leitura.

Finalizamos essas breves considerações compartilhando que esse trabalho de pesquisa não busca simplesmente contribuir com o processo de alfabetização de discentes surdos. Posto que, saber ler e escrever já não desempenha ampliação em relação as demandas sociais e culturais da sociedade. É imprescindível saber implementar o uso da leitura e escrita em seu dia a dia com coerência e concentração que permita acesso aos conhecimentos e informações essenciais ao pleno desenvolvimento da cidadania e todos os contextos sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione Ltda. 1997.

ARROYO, Leonardo. Literatura Infantil Brasileira. São Paulo: Melhoramentos. 1990.

BANDINI, Heloisa Helena Motta; OLIVEIRA, Claudia Lessa de Azevedo Corrêa de; SOUZA, Érika Costa de. Habilidades de leitura de pré-escolares deficientes auditivos: letramento emergente. Paidéia (Ribeirão Preto), Abr. 2006, vol.16, nº. 33, p. 51-58.

BETTELHEIM, B. A psicanálise dos contos de fadas. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

DECRETO 5626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10. 436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais- LIBRAS, e o artigo 18 da Lei nº 10098, de 19 de dezembro de 2000.



GÓES, Maria Cecília Rafael de; LAPLANE, Adriana Lia Frizman de. Políticas e práticas de educação inclusiva. 2ª ed. – Campinas, SP.: Autores Associados, 2007. (Coleção educação contemporânea).

LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. 6ª ed. 13ª impressão. São Paulo: Editora Ática. 2008.

MEIRELES, Cecília. Problemas da literatura infantil-3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1984.

PEREIRA, M. C. da C. Leitura, escrita e surdez. Secretaria de Educação CENP/CAPE. São Paulo: FDE, 2005.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SALLES, H. M. M. L.; FAULSTICH, E.; CARVALHO, O. L. Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica. Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos- Brasília, DF: MEC; SEESP, 2004.

SASSAKI, R. K. Inclusão: Construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA. 1997.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VIGOTSKI, L. S. Fundamentos da defectologia. Obras completas. Tomo cinco. Cuba: Editorial Pueblo y Educación, 1997.